

# LITTLE B



© José Caldeira / TMP

**Ana Vitorino  
Carlos Costa  
Mário Moutinho  
Sara Barros Leitão**

“**Little B**” estreou a 8 de novembro de 2019 no Teatro Diogo Bernardes em Ponte de Lima.

**Texto e Direção** Ana Vitorino, Carlos Costa, Mário Moutinho, Sara Barros Leitão

**Cenografia** Inês de Carvalho

**Sonoplastia** João Martins

**Desenho de Luz** Pedro Correia

**Vídeo** Alexandra Allen, Sara Allen

**Interpretação** Ana Vitorino, Carlos Costa, Mário Moutinho, Sara Barros Leitão / Francisca Neves *participação especial* Clara Costa / Leonor Costa, Pedro Monteiro

**Coordenação de Produção** Teresa Camarinha

**Coprodução** Visões Úteis / Teatro Municipal do Porto / Teatro Diogo Bernardes / Teatro Académico de Gil Vicente

O Visões Úteis é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes



Este texto está sujeito a uma licença Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Portugal. Por favor utilize, partilhe e transforme para fins não comerciais. Mas credite sempre o original e partilhe as obras derivadas do mesmo modo.

## **PERSONAGENS**

ANA, 46 anos

CARLOS, 50 anos

MÁRIO, 70 anos

SARA, 28 anos

CLARA, 10 anos

TÉCNICO, um técnico de palco

## PRÓLOGO

*O espaço é o palco de um teatro; estamos a meio da desmontagem de um espetáculo que Ana, Carlos, Mário e Sara acabaram de fazer. A maioria do espaço está ocupada por despojos do espetáculo – um linóleo, dois bancos da cenografia, filtros de luz, fitas de papel, alguns adereços, um ou outro figurino -, equipamento do teatro – projetores, cabos, cordas -, e material da “companhia” para guardar e transportar a cenografia e adereços que estão a ser retirados – caixas, sacos, malas de material técnico. Ao fundo do palco, há uma zona desocupada onde, aos poucos, está a ser colocado por um técnico do teatro o material de um espetáculo que será ali feito a seguir.*

*MÁRIO está sentado, de costas para o público, a limpar calmamente um antigo projetor de cinema.*

*CARLOS, ANA e SARA vão entrando e saindo do palco, ocupados com a desmontagem, distribuindo-se em várias tarefas: arrumar os filtros de luz, dobrar panos, enrolar cabos, tirar fitas de marcação do chão, varrer, etc. Têm restos de maquilhagem, e estão ainda vestidos com partes dos seus figurinos, que ao longo da desmontagem vão tirando e trocando pela sua roupa pessoal. Vão conversando entre si, de modo cada vez mais audível.*

*Ao fundo, o TÉCNICO vai entrando e saindo do palco, para trazer as diferentes partes de uma bateria.*

*Num canto está um rádio, que vai sintonizando pedaços de diferentes emissões. Ouve-se a música de uma banda sonora de um filme de Woody Allen.*

## PARTE I

### Início / Fim: Desmontagem

*ANA, CARLOS e SARA falam por cima da música que sai do rádio. Têm dificuldade em ouvir-se uns aos outros.*

SARA (*reconhecendo a música*) – Isto é o quê?

ANA – O quê?

SARA – Esta música... eu conheço isto...

ANA – A música? São bandas sonoras dos filmes do Woody Allen.

CARLOS – A banda do Woody Allen?

ANA – O quê?

SARA – Ele tem uma banda.

CARLOS – Tem, toca.../

ANA – Eu não disse que era a banda do Woody Allen, disse bandas sonoras dos filmes do Woody Allen.

CARLOS – Mas ele tem uma banda! E toca saxofone.

ANA – Sim, ele tem uma banda. Saxofone? Não, é mais pequeno...

SARA – Clarinete!

ANA – Clarinete, sim... acho que é isso. Mas eu não sei se é a banda dele a tocar aqui. Isto é daquele filme... aquela coleção de filmes que ele fez sobre as cidades, Madrid, Londres... este é o de Paris.

SARA – Mas é recente?

ANA – Não, já tem uns anos...

CARLOS – “Paris é uma festa”!

ANA – Não, isso é do Hemingway! Olha, o Hemingway entra no filme, mas é uma personagem!

SARA – Ah, já sei! É um em que eles viajam no tempo, e vão parar ao passado...

ANA – Isso! Chama-se... “Paris”... *(não se lembra)* Tem “noite” no nome...

SARA – Com aquele ator do nariz partido... o Wilson!

ANA – O Owen Wilson. É que há dois Wilsons. *(tenta lembrar-se)* “É noite em Paris”. Não... “Uma noite em Paris”.

SARA – “Meia-noite em Paris”!

ANA – “Meia-noite em Paris”!

MÁRIO *(aproximando-se deles)* – Vocês estão aí a falar do Woody Allen e isso faz-me lembrar um texto muito curioso. É uma conversa entre uma atriz e um dramaturgo. Ela pega no original... no... manuscrito, qualquer coisa, e diz assim: Isto! Não! Não tem inte/

CARLOS – Mas acho que não é com o manuscrito na mão.

MÁRIO – Também conheces essa cena?

CARLOS – Sim, eu tenho esse livro. Mas acho que ela não tem o manuscrito... Quer dizer, eu/

MÁRIO – Pode ter ou não. Se calhar eu imaginei que tinha... ou então fiz a cena dessa maneira e agora/

ANA – Mas já fizeste essa cena?

MÁRIO – Como ator não, eu só/

SARA – Mas ela diz-lhe o quê? A atriz vira-se e...?

MÁRIO – Não sei se tem ou não tem texto, mas pronto. Ela pega no manuscrito e diz-lhe: “Ouça, isto não está bem! Não tem interesse nenhum, / e não sei quê”/

CARLOS – / Tinha ideia que/ isso era num café.

ANA – Mas não é dentro de um teatro? Quer dizer, não é sobre teatro? Sobre a dramaturg/

SARA – Mas e depois?

MÁRIO – Pronto, “Isto não está bem e tal!” E ele: “Mas o quê? O final?”, “Claro! O final, não tem final nenhum!”, “Pois... eu reconheço que não é muito bom, não consegui um final muito satisfatório...”, e ela “Mas qual muito satisfatório? Isto não tem pés nem cabeça! Ouça, ó meu caro amigo, eu vou explicar-lhe como é que se escreve para teatro. É assim: arranja-se um bom final, um grandioso final, e depois escreve-se de trás para a frente!”

*Riem todos.*

CARLOS – Isso é como diz o Salieri.

MÁRIO – ‘Tá boa, não está? *(começa a ajudar os outros na desmontagem)*

SARA – / Isso é a atriz que-/

CARLOS – / é como diz o Salieri./ Ou era o Salieri ou era o Mozart? Naquele filme do... Como é que ele se chama? O “Amadeus”, não é? Em que ele dizia que o que interessava era fazer uma merda qualquer “and give them a big bang in the end”! Ou seja, no fim, seja como for, tinhas que ter um “tanananana”, assim uma progressão para um “patchá!”, não é? Ou seja, não podias construir o silêncio do fim vindo de algo... Ou seja, tinhas que vir de uma cavalgada: “Give them a big bang in the end!”

MÁRIO – O que é muito ao contrário do que se fez muitas vezes. O Strauss, o Richard Strauss/

SARA – Esse é o das valsas? O que/

MÁRIO – Não é o das valsas, o outro.

ANA *(para SARA)* – Há dois.

MÁRIO – Por exemplo, ele tem aquele... no... Ai, como é que chama? Há todo aquele... aquela parte pomposa que a gente conhece que é o início daquele filme...

ANA – Sim, sim!

MÁRIO – É o início. / Só que.../

ANA – / Já sei/ *(trauteando "Assim falava Zaratustra")* Pam, pam... pam pam!

*Ao fundo, o TÉCNICO entra trazendo uma pilha de livros, que pousa no chão, e um conjunto de guiões e papéis, que pousa em cima da pilha.*

CARLOS – Sim, sim, exatamente.

ANA *(cantando)* – Tum tum tum tum...

SARA – Que filme? Mas isso é uma valsa?

CARLOS – Pois é! É engraçado que estão sempre a tocar isso como um encerramento, apesar de ser um início.

MÁRIO – Isso foi escrito para ser um fim.

SARA – Eu acho que nunca vi esse/

ANA (*para CARLOS*) – Só que isso vai contra o que estavas a dizer, de que no final tem que haver uma progressão para “Give them a big bang in the end!”.

CARLOS – O que eu estava a dizer não é uma regra, é só/

ANA – Nós dizíamos assim uma coisa num espetáculo, não era?

CARLOS – O quê?

ANA – Nós dizíamos assim uma/

CARLOS – Sim, mas o quê?

ANA – Sobre a forma de terminar um... “Para fazer um bom espetáculo tens que acabar / com uma frase com sentido”./

CARLOS – / acabar com uma frase com sentido!/ Exatamente. Era eu que dizia isso.

ANA – Eras? Não...

CARLOS – “Para fazer um bom espetáculo tens que acabar com uma frase com sentido.” Era eu.

MÁRIO – Espera! Eu disse que a música era um fim? Essa música do Strauss é um início!

SARA – Isso é horrível.

CARLOS – O quê?

SARA – Ter que acabar... quer dizer... pensar de trás para a frente. Não é? Eu sei lá como é que as coisas vão acabar? Quer dizer... tens que começar pelo/

MÁRIO – Depende. Às vezes é melhor o fim... depende de onde estás.



SARA – De onde estou como?

MÁRIO – Depende também.

CARLOS – Olha, para mim, o pior são os inícios.

ANA – Eu não tenho problema nenhum com / inícios nem com fins./

CARLOS – / Quando estou/ em frente a uma página em branco, por exemplo, é um terror ter que/

MÁRIO (*para ANA*) – Tu gostas de fins?

SARA – Eu adoro fins!

ANA (*para MÁRIO*) – Não tenho problema com isso. Acho que as coisas têm que acabar. Também é preciso que assim seja, para poder começar alguma coisa nova.

SARA – Pois, o problema é quando está tudo tão misturado que nem percebes realmente os fins e os inícios.

CARLOS – Os fins e os inícios são sempre / difíceis de distinguir./

MÁRIO – / Depende mesmo de onde estás/, eu quando era mais novo... a montagem, sobretudo em digressões, aquilo era uma animação. A malta em cima dos andaimes, e dizia texto, metia larachas. Ó pá, era uma alegria, e aquilo dava-me uma pica, uma energia, era uma coisa incrível. Já a desmontagem era uma tristeza. Eu ficava... E tirava aquilo... Hoje é diferente. Hoje acho que é ao contrário. Também tenho mais medo de ir para palco, de entrar em cena, e a desmontagem é um alívio, pronto, já está.

*ANA desliga o rádio. A conversa continua no silêncio. Ao fundo, o TÉCNICO entra trazendo materiais de uma cabine de som – um microfone num tripé, um filtro de microfone.*

SARA – É como eu. Eu acho que a cada desmontagem estou mais próxima de... é um alívio, porque/

CARLOS – É o quê?

SARA – É como se fosse menos uma coisa para fazer até morrer.

MÁRIO – Tu sentes isso?

SARA – Eu sinto.

ANA – Eu percebo. Não é isso que sinto, para mim as desmont/

CARLOS (*para SARA*) – Isso é engraçado, porque parece que és muito mais...

MÁRIO (*para ANA*) – Hoje em dia as estreias são muito mais difíceis para mim.

SARA (*para CARLOS*) – Mais quê?

ANA (*para MÁRIO*) – Sentes isso?

CARLOS (*para SARA*) – Muito mais velha e cansada...

MÁRIO (*para ANA*) – Do que quando era mais novo? Não tem comparação.

SARA (*para CARLOS*) – Pareço uma velha?/ Achas?/

MÁRIO (*para SARA*) – / Hoje sinto/ uma responsabilidade, uma consciência, de não falhar.

SARA (*para MÁRIO*) – Mas também te atiras de cabeça, não?/ Também gostas de-/

MÁRIO – / Como assim?/

SARA – De arriscar, sei lá. Mergulhar de cabeça! Ou sentes que agora entras sempre um bocadinho a medo?

CARLOS – No mar? Estão a falar de quê?

ANA (*para CARLOS*) – Não, se ele entra a medo nas coisas! (*para MÁRIO*) É isso, não é?

MÁRIO – Ah! Não! Sim! Sim, sim... absolutamente. Eu até posso ter medo, mas se é para mergulhar, vou de cabeça.

*ANA assobia como se simulasse um mergulho.*

CARLOS (*reclamando com ANA*) – Então?!

ANA (*para CARLOS*) – Que foi?

MÁRIO – És supersticioso?

CARLOS – Não, quer dizer... Não vale a pena arriscar, não é?

ANA – Mas tu és marinheiro?

CARLOS – O quê?

MÁRIO – Exatamente! É por isso que não se pode assobiar no teatro! Olha, uma vez, eu estava/

CARLOS – Porque é que não se pode assobiar?

SARA *(para CARLOS)* – Então tens uma superstição que não/

ANA – É porque... *(faz sinal a MÁRIO para que explique)*

MÁRIO – Antigamente, os maquinistas do teatro / eram marinheiros./

ANA – / Exatamente, isso mesmo./

CARLOS – A sério?

SARA – Eu também não sabia.

MÁRIO – Eram! Não sabias? Por isso é que os nós das cordas são quase todos nós de marinheiro.

ANA – Tu sabes fazer?

MÁRIO – Sei...

SARA – Tu foste marinheiro?

CARLOS – Tu tem carta de marinheiro?

MÁRIO – Não! Isso não fui. Mas sei fazer porque... enfim... *(exemplificando com um cabo que tem nas mãos)* Pega-se assim, faz-se assim, e depois prende-se a uma... *(olha em volta)* Espera, preciso de... *(alto)* Há aí alguma malagueta?

CARLOS – Estou a ficar confuso. / Queres o quê?/

SARA – / O quê?/

MÁRIO – Uma malagueta. *(olha para os outros três, surpreendido)* Pausa. Tempo. Eu não estou a acreditar que estão aqui estas pessoas todas de teatro e ninguém sabe o que é uma malagueta.

ANA – Uma malagueta?

MÁRIO – Uma malagueta! É uma coisinha para prender- *(olha para cima)* oh! Está ali uma! / Então, não sabem o que aquilo é?/

SARA – / Ah! Isso! /

ANA – / Oh, claro que sim. /

CARLOS – / É isso? Que en- /

MÁRIO – Afinal sabem! Como é que vocês chamam àquilo?

SARA – Sei lá... âncora?

ANA (*rindo*) – Âncora?

SARA – Não sei, inventei... como é uma corda... sei lá.

MÁRIO – Isso faz-me lembrar... “Os Velhos Marinheiros”! Já leram? Sobre um velho marinheiro que estava sempre a contar histórias como se tivesse sido comandante. E quando um dia chega um navio que precisa de um comandante, mandam-no a ele, o contador de histórias, por acharem que ele tinha sido mesmo comandante. Como sabem, os comandantes é que dão as ordens, não é? Quando chegam a uma ilha e vão desembarcar, têm que atracar o barco, e os marinheiros viram-se para ele e perguntam: Comandante, com quantas amarras vamos amarrar o navio? E ele diz...

*SARA puxa um cabo estendido no chão, e acidentalmente faz cair a pilha de papéis que estava pousada atrás, em cima dos livros. Há folhas de guião espalhadas pelo chão.*

SARA – Merda!

ANA – Oh!

MÁRIO – ãh?

CARLOS – São os guiões?

*SARA e ANA fazem menção de apanhar os guiões caídos. MÁRIO faz um gesto súbito para as parar.*

MÁRIO – Ohh!

*ANA e SARA param, sem perceber.*

ANA – Podemos apanhar ou são supersticiosos?

MÁRIO – Eu sou mais por tradição do que por convicção.

ANA (*para SARA*) – / Espera aí/

SARA (*mexendo nos papéis*) – / Eu tento organizar/, espera.

MÁRIO – Isto parece o filme do Tarantino. Sabem essa?

CARLOS – Que filme?

ANA – Qual? (*para SARA*) Não mexas, deixa, eu apanho! (*para MÁRIO*) Que filme?

MÁRIO – O filme do Tarantino... o Pulp Fiction.

CARLOS – Ah!

ANA – A sério?

MÁRIO – Dizem que durante a rodagem do Pulp Fiction o Tarantino deixou cair o guião, apanhou aquilo num instante e ficou tudo misturado! Está ali o filme.

ANA – Oh, a sério?

CARLOS – Não.

SARA – Mas é uma anedota do filme? Quer dizer, sobre / o filme/

MÁRIO – / É, é uma coisa que se conta/, sim. Sabem que o filme é todo fragmentado, todo “tá, tá, tá”... e é uma piada que se conta. Por isso é que o Travolta aparece três vezes a cagar.

ANA e CARLOS *riem*.

CARLOS – Pois é! Ele passa o filme todo a cagar!

MÁRIO – Mesmo depois de morto ainda volta a aparecer a cagar!

SARA – O Travolta entra?

CARLOS – / Claro!/

ANA – / Então não?/

MÁRIO – É o protagonista!

SARA – Mas a protagonista não é aquela de amarelo, que mata todos?

ANA – Não, essa... Esse filme/

CARLOS (*fazendo sinal a SARA para que o ajude com os projetores*) – Mas eles aqui também matam todos.

SARA (*ajudando CARLOS*) – Mas aquela cena dos pés... Não é nesse filme?

MÁRIO – Não, a cena dos pés é noutra filme do Tarantino.

SARA – Aquela cena em que ela está dentro do carro e olha para os pés para tentar mexê-los, não é? / Essa atriz é incrível/

ANA – / Mas isso é outro filme!/

MÁRIO – Olha, uma vez, fiz um espetáculo... quer dizer, tentava fazer... porque fazia aquilo tão mal que... Mas eu tentava... E um colega nosso, muito meu amigo – nunca mais me esqueço dessa – entra no meu camarim e diz: “Um ator começa nos pés, e o resto também não está bem”.

CARLOS (*chocado*) – O quê?! Que mau...

ANA (*chocada*) – Disse-te isso?

SARA – Mas então... na cena dela a mexer os pés não entra o Travolta a cagar, é isso?

ANA (*exasperada*) – Não, isso é outro filme!

SARA – É naquele em que há tipo vinte acidentes de carro?

ANA – / Não!/

CARLOS – / Estás a confundir tudo!/

MÁRIO – Há sempre um acidente de carro nos filmes dele.

ANA – Sim, isso é/

MÁRIO – Sabem que essas cenas são difícilimas de realizar./ Aliás.../

CARLOS – / Por acaso não faço ideia como é que/

ANA (*para MÁRIO*) – Tu sabes como é que se filma um acidente de carro?

MÁRIO – Quer dizer, há centenas de formas... Eu/

SARA – Mas tens que ter muita técnica, não?

MÁRIO – Olha, é preciso técnica para tudo. E às vezes, mesmo com técnica, há coisas/

CARLOS – Sim, é verdade, há técnica para tudo... até deve haver uma técnica para escapar de um carro que cai à água.

MÁRIO – Pois há, tens toda a razão! É como um mantra/

CARLOS – Estás a gozar? Há uma técnica? Eu estava a /dar um exemplo, por causa da conversa de mergulhar e dos carros.../

ANA (*para MÁRIO*) – /Mas espera, tu sabes uma técnica para escapar de um carro que se afunda?/

MÁRIO – Sei a teoria / agora a prática... quer dizer.../

SARA – / Mas porque é que sabes uma coisa dessas?/

MÁRIO – Eu... não sei... quer dizer... às vezes sei assim umas coisas, ou foi o meu pai que / me ensinou, ou.../

ANA – / Mas já tiveste algum acidente?/ Quando ias a conduzir?

MÁRIO – Não, não! Eu nem / sequer sei-/

CARLOS – / Mas explica!/ Agora quero saber. Eu tenho pânico de ter um acidente e o / carro cair à água!/

SARA – / Então também és daqueles/ que entra a medinho, que não mergulha de cabeça, é isso?

CARLOS – Espera! Explica lá, por favor.

MÁRIO – A primeira coisa é prepararem-se para o impacto, para a queda na água. Vai ser dura. (*exemplificando*) Mãos no volante, firmes, na posição das 10h10, estão a ver? Vocês conduzem, certo?

SARA – Que medo! Ficar ali agarrada ao volante à espera do choque. Eu não era capaz, acho que entrava em pânico. (*sai*)

MÁRIO – Não pode ser. O pânico tens de deixar para depois.

ANA – Se calhar o melhor até era telefonar para o 112, depois do impacto, enquanto o carro não afunda... pedir ajuda.

MÁRIO (*rindo*) – Impossível. Não tens noção nenhuma do tempo. O tempo passa assim (*estala os dedos*), quando se está dentro de um carro o tempo passa assim. (*estala os dedos*) O que é preciso é tirar o cinto de segurança.

SARA *regressa com um charriot com figurinos pendurados. ANA ajuda-a.*

CARLOS – Mas não era melhor ficar com o cinto de segurança mais um bocado? Para não me desorientar quando o carro começar assim às voltas?

MÁRIO – E as crianças?

CARLOS – Crianças?

MÁRIO – Como é que ajudas as crianças no banco de trás?

CARLOS – Ah, mas eu não sabia que havia crianças.

MÁRIO – Nestas coisas há sempre crianças. E tens de tirar o cinto delas, tens de as soltar, e para isso tens de tirar o teu cinto primeiro. Para depois saírem todos pela janela.

ANA – Pela janela? Coisa estranha. Não era melhor pela porta?

MÁRIO – Não, não, não. Só consegues abrir a porta nos primeiros segundos, depois com a pressão da água é impossível abrir.

SARA – Mas os vidros são elétricos, não vão abrir debaixo de água.

MÁRIO – Abrem, abrem, os motores dos vidros funcionam durante uns três minutos; mas claro que não temos três minutos para sair dali.

SARA – Mas se não abrirem?

MÁRIO – Oh pá, se não abrir partes, com qualquer coisa que tenhas à mão, um martelo... ou uma pedra.

ANA – Um martelo ou uma pedra? Como é que eu ia ter uma pedra dentro do carro?

MÁRIO – Também podes usar os pés. O que importa/

SARA – Olha que um ator começa nos pés / e o resto/

CARLOS (*para SARA*) – / Espera, deixa ouvir/

ANA – / Podes já não conseguir mexer os pés./

SARA – Mas eu li na internet que o encosto de cabeça dos carros tem aqueles ferros mesmo para partir as janelas se um carro cair / dentro de água./



ANA – / Estás a gozar?/

CARLOS – / A sério? É mesmo a sério?/

MÁRIO (*para SARA, irónico*) – Na internet? (*regressa à explicação*) O importante é deixar o carro estabilizar, deixar encher com água, porque quando a pressão for igual, dentro e fora, mesmo que não tenhas aberto a janela até consegues abrir a porta.

ANA – Mas aí já não consegues respirar!

MÁRIO – Por isso é que, com calma, (*enchendo o peito de ar*) encheste o peito de ar para poder sair a nadar.

CARLOS – E as crianças?

MÁRIO – Tens de as levar contigo.

CARLOS – Não sei. Parece difícil.

MÁRIO – Segues a luz, a luz leva-te à superfície. Ah, a luz e as bolhas de ar, as bolhas de ar também te levam à superfície. É fácil: Impacto, cinto de segurança, crianças, janela, sair, nadar para a superfície. Repitam comigo. É como se fosse um mantra.

TODOS (*hesitantes*) – Impacto... cinto de segurança... janela, não... crianças, sair... não, cinto de segurança...

MÁRIO – Calma! Vamos lá, devagar... do início.

TODOS (*organizados*) – Impacto, cinto de segurança,/

VOZ DA RÉGIE (*gritando*) – / Atenção ao escuro!/

TODOS – / crianças, janela,/ sair, nadar para a superfície!

*Escuro.*

## PARTE II

### O Carro

*No escuro.*

MÁRIO – “Então, jovens? Como é que está a água?”

*Silêncio.*

MÁRIO – Não conhecem esta?

*Silêncio.*

MÁRIO – Dois peixinhos nadam um ao lado do outro e encontram um peixe mais velho que os cumprimenta e diz: “Bom dia, jovens, como está a água?”. Os dois peixinhos passam pelo velho, nadam mais um pouco e um olha para o outro: “O que raio é a água?”.

*A luz regressa. A desmontagem continua. ANA tenta organizar os papéis caídos numa pilha, SARA coloca adereços numa caixa, CARLOS pede a ajuda de MÁRIO para dobrar um pano grande.*

CARLOS (*para MÁRIO*) – Segura aí. Tens que te afastar, não é?

MÁRIO – Afastar?

CARLOS – O peixe velho.

MÁRIO – Ah, claro. Tens que ganhar distância, claro...

CARLOS – Quer dizer, a água que está sempre ali à tua volta/

MÁRIO – Tens que ter distância para... Olha, por exemplo, quando nós os dois nos conhecemos/

CARLOS – Nós não nos conhecemos quando tu pensas que nos conhecemos.

MÁRIO (*confuso*) – Ah não?

CARLOS – Nós já nos tínhamos conhecido algum tempo antes, uma noite... pelo menos, eu já te tinha conhecido. Quero dizer, não te conheci mesmo, nem sequer fixei o teu nome... aliás, nem sei se cheguei a ouvir o teu nome... eu estava no meu carro, com uma amiga... que também era tua amiga. Lembras-te?

CARLOS *senta-se como se estivesse num carro. Faz sinal a SARA para se aproximar.*

MÁRIO – Assim de repente, não.

CARLOS (*apontando SARA*) – Estávamos parados a... enfim, a conversar, e de repente ela olha para fora e grita (*afeta uma voz demasiado histérica*): “Mário!”, “Mário!” “MÁRIO!!!”

SARA *senta-se ao lado dele e sorri para MÁRIO.*

MÁRIO – Mas tu acabaste de dizer que nem sabes se ouviste o meu nome!

CARLOS – Sei lá se ouvi ou não, isto é como eu me estou a lembrar agora, na altura se calhar não ouvi...

MÁRIO – E eu ouvi-a a ela?

CARLOS – Claro. Vieste logo cumprimentá-la, mas assim com um ar... (*MÁRIO e SARA começam a falar de modo ininteligível*), não sei explicar... um ar... de quem domina, percebes? De quem dominava qualquer coisa, as pessoas, a cidade, as raparigas...

SARA / AMIGA (*de repente, para CARLOS*) – Dás uma boleia ao Mário, não dás?

CARLOS (*chocado, mas tentando disfarçar*) – Claro!

MÁRIO – Deste-me boleia??

CARLOS – Não, naquela noite não, eu só te dou A boleia vinte anos mais tarde... mas entra aí!

SARA *senta-se atrás de CARLOS, MÁRIO senta-se ao lado de CARLOS.*

CARLOS – Fiquei a pensar: (*mima o movimento do carro a arrancar*) Olha-me o velhote...

MÁRIO – Velhote??

CARLOS – Eu sei, eu sei! Agora é um disparate ter pensado assim, mas só agora é que eu percebo que, naquela noite, tu tinhas a mesma idade que eu tenho hoje, claro que não eras um velhote! Caraças, EU não sou um velhote! Mas na altura, sabes como é, eu era um miúdo, mas não achava que era um miúdo, achava que já era um homem maduro, por isso tu tinhas de ser um velhote.

SARA/AMIGA – Então Mário, e projetos para o futuro?

MÁRIO – Muitos! Vão acontecer-me coisas que nem imagino: dirigir um festival internacional, publicar um livro, candidatar-me à Assembleia da República, até fazer um espetáculo sobre a minha vida. Mas nesta altura ainda não faço ideia de nada disto. (*para CARLOS*) E tu estás a começar a tua companhia de teatro, não é? Ouvi dizer que arranjaram uma salita emprestada.

CARLOS – E é tudo tão difícil quando se está a tentar começar alguma coisa! É tão difícil ter coragem para arrancar, e conseguir-se qualquer coisa! E depois vêm estes tipos, estes VELHOTES, e parece que já dominam tudo, que conhecem toda a gente... eu sei que isto é injusto, e que vou descobrir depois que até és um tipo porreiro, e até me vais ajudar daqui a uns anos, e olha para nós agora a fazer um espetáculo juntos, mas nesta noite eu só consigo pensar: *(travando bruscamente o “carro”)* “Olha-me o velhote a tentar sacar-me a miúda!”

*Silêncio.*

MÁRIO – Sabes o que dizia o outro? “Se uma mulher...”, não, “Se um homem gostar de uma mulher e outro homem...”, não, espera... “Se um homem gostar de mim...” ai, como é que era? *(MÁRIO vai murmurando para si, procurando a formulação certa)* Se uma mulher gosta de mim e um homem gosta dessa mulher, então eu e esse homem... não... se uma mulher gosta de um homem e esse homem é que gosta de mim... também não...se eu gosto de um homem e uma mulher gosta desse homem, então eu e esse homem, não, eu e essa mulher... não...se eu gosto de uma mulher e essa mulher gosta de outro homem, não é isto, se essa mulher gosta de outra mulher, também não, então... se eu gosto de uma mulher e há outro homem que gosta dessa mulher, então eu e essa mulher... não... eu e esse homem... ou esse homem e essa mulher... ou eu, esse homem e essa mulher...

SARA / AMIGA *(para CARLOS, levantando-se)* – Tchau!

CARLOS *(surpreendido)* – Já vais?

SARA / AMIGA – Já... já viste que horas são? Ainda temos muita coisa para arrumar!

CARLOS – Mas podíamos conversar mais um bocadinho...

SARA / *(a desfazer)* AMIGA – Oh, deixa-te disso! Nesta noite eu nem sequer era nascida, e tu e esta amiga só voltam a encontrar mais duas ou três vezes depois desta cena do carro, e a seguir passam quase vinte anos sem se falar... Concentra-te mas é no que estás a contar ao Mário! *(afasta-se, regressa à arrumação)*

MÁRIO *(alto, para CARLOS)* – Se outro homem gosta da mesma mulher de que eu gosto, alguma coisa havemos de ter em comum!

*Silêncio. Olham um para o outro.*

CARLOS – És do Teatro de Marionetas do Porto, não é? Ouvi dizer que têm uma sala nova...

## **Entrevista**

MÁRIO – É engraçado falares nisso... Essa é uma história que me é querida. Nós precisávamos de um espaço, queríamos uma salita nossa... um espaço... No pós-25 de Abril, tu talvez não te

lembres, mas não havia nada. Não havia salas, não havia teatros no Porto. As companhias faziam teatro nas garagens e... onde houvesse! Então, alugámos aquele espaço, aquilo era uma drogaria e... Aquilo era um sonho nosso. Eu frequentava muito aquela rua, ia lá a um bar, tipo café teatro... e o Luís Carlos disse: “Epá, aqui ao lado, vai abrir uma coisa qualquer... ‘Tá vago, ou ‘tá de passagem, ou não sei quê... Vocês é que podiam vir para aqui!” Eu telefonei ao João Paulo, ele gostou do espaço e tal... Na altura o senhorio pedia 3500 contos pelo trespasse. Era muito dinheiro. O João Paulo endividou-se com o pai, eu endividei-me com o meu pai... A Anita entrou com o dinheiro dela, e ela até tinha um pezito de meia. Pusemos a guita toda que tínhamos e ficámos quase que a comer, a viver, à custa das nossas mulheres, porque, realmente ficámos sem dinheiro nenhum. Foi mesmo um investimento... assim... louco. De maneira que alugámos aquilo e no dia seguinte fechámos a porta porque não tínhamos dinheiro nem para pagar a água. Fechámos, pronto!

CARLOS – Mas, entretanto, abriram, não é? Quer dizer, hoje em dia ainda têm lá a sala, a sede, o Museu de Marionetas...

MÁRIO – Hoje sim, mas nesta altura não. Queres estar em que altura?

*CARLOS assume uma postura de entrevistador. ANA tira dois microfones de uma caixa de material técnico.*

CARLOS – Vamos à altura da boleia, então. Diga-me, Mário, como é que conseguiram sair dessa situação trágica de endividamento familiar, espaço fechado, sem dinheiro para sequer pôr um contador de água? O que é que aconteceu?

*ANA entrega os microfones a CARLOS e MÁRIO.*

MÁRIO – Repare, isto tudo aconteceu sem esse tom trágico. Nós tínhamos apenas uma regra que era fazer um espetáculo por ano. Mas, quer dizer, “*llega quando llega*”. E isso dava-nos um espaço, tempo, disponibilidade, ritmo de improviso, de trabalho, de investigação, de... até de curtir. Percebes? Curtir o trabalho que estávamos a fazer, coisa que os prazos atuais não nos permitem.

*ANA e SARA vão afinando os projetores de uma torre de luz para iluminar a entrevista. Ao fundo, o TÉCNICO entra trazendo uma mesa de carpinteiro, onde estão pousadas várias marionetas – o Guarda Seródio, Esopo, Fredo Brilhantinas e o seu Compère.*

MÁRIO – Nós vínhamos de um movimento teatral do pós-25 de Abril que modificou completamente o teatro que se via no Porto, fazíamos parte de uma série de companhias, mais ou menos semiprofissionais, que experimentavam novas formas de fazer teatro e apresentavam coisas diferentes: textos coletivos, colagens, marionetas, teatro de rua, teatro para a infância, café-teatro, luz negra... sei lá. Quando nos profissionalizámos como companhia de marionetas, fazíamos um espetáculo por ano e circulávamos com ele pelo mundo fora.

CARLOS / ENTREVISTADOR – Era então possível viver da cultura? O Mário nunca teve mesmo de trabalhar...?

*ANA e SARA terminam de afinar as luzes e escutam atentamente.*

MÁRIO – Essa pergunta faz-me lembrar aquela história da senhora ali na Sé que viu uma atriz a subir as escadas a correr e lhe pergunta: “Vai para o teatro, é?”, e a atriz: “Vou e já estou atrasada”, “Pois, se fosse trabalhar não ia com tanta pressa”.

*Ao fundo, o TÉCNICO entra trazendo uma pilha de cortinas de veludo que pousa na prateleira de baixo da mesa de carpinteiro. ANA e SARA olham para ele, constrangidas, e voltam a mexer no material técnico, tentando parecer ocupadas.*

CARLOS / ENTREVISTADOR (*riso constrangido*) – Pois... exato... digo... noutras áreas. Ou seja... se o Mário nunca teve de trabalhar fora do teatro...?

MÁRIO – Ah, sim, sim. Muito antes disto, quando era novo, houve uma altura que estive na área comercial. Vendas. Vendi expositores, livros, máquinas de *vending* de café, artigos de papelaria, brindes, postais, *timesharing*... E foi um dia, quando estava em Aveiro a falar com um caramelo qualquer, e ele a falar-me sei lá de quê, uma coisa que não tinha interesse nenhum, e eu com os postais na mão... ele falava, falava, falava, e eu estava ali a olhar para ele sem ouvir nada... e de repente dei comigo a pensar: “O que é que eu estou aqui a fazer?”. Larguei tudo. Despedi-me. Meti-me no Sud Express e fui fazer um curso de cinema para França.

*MÁRIO passa o microfone a SARA e vai sentar-se longe do entrevistador. CARLOS olha para SARA, expectante. Ela senta-se, hesitante, onde estava MÁRIO. ANA observa a entrevista de perto.*

CARLOS / ENTREVISTADOR – Foi então aí que nasceu a sua paixão pela representação?

SARA / OUTRO MÁRIO – Eu... eu nunca tive paixão pela representação dessa maneira. Comecei a ver teatro com o meu pai, tinha uns dez, onze anos. Lembro-me de irmos ver um espetáculo, aquilo começar, entrar uma atriz, toda a gente começar a bater palmas, e eu lhe perguntar: “Mas porque é que já estão a aplaudir se ela ainda não fez nada?”, e ele me ter dito “Cala-te e bate palmas, é a D. Palmira Bastos”. O meu pai dizia muitas vezes que a grande aprendizagem são as tábuas, mas aquilo para mim não queria dizer grande coisa. Ele, aliás, usava muitas expressões que eu não compreendia... Mas, de facto, paixão...? Com uns dezassete anos tive a minha primeira experiência como ator. Fiz de “Criado do Tavares”, entrava e tinha que partir um prato, como nunca ensaiámos aquela cena com pratos reais, na estreia o prato não partiu e eu tive que simular uma queda muito foleira para ver se aquilo funcionava... enfim, foi aí que percebi que eu não...

CARLOS / ENTREVISTADOR – Então houve momentos em que pensou em desistir?

SARA / OUTRO MÁRIO – Não...

ANA – Sim!

*SARA e ANA olham uma para a outra. SARA passa-lhe o microfone. ANA assume o papel de MÁRIO.*

ANA / OUTRO MÁRIO – Houve momentos em que tive a certeza que não... por exemplo, mais tarde, fiz um espetáculo... aquilo era um dramalhão e percebi... percebi que eu não fazia aquilo bem, mas só faltavam quatro dias para a estreia e pronto. No final, no camarim, olhei bem para mim ao espelho e disse: “Tu nunca mais fazes dramas na tua vida!”. Nessa altura estava convencido a desistir. Quando me voltam a convidar, eu disse ao diretor da companhia: “Eu não posso aceitar, eu não sou um ator dramático”, e ele olhou-me fixamente e disse-me: “Tu és o que eu disser que tu és!”. E aquilo teve uma importância para mim que nem imaginas...

CARLOS / ENTREVISTADOR – Sente que ainda há projetos que deixou por fazer? O que é que não conseguiu cumprir?

*SARA e ANA olham uma para a outra. ANA passa-lhe o microfone. SARA assume o papel de MÁRIO.*

SARA / OUTRO MÁRIO – Bom, não é bem que não consegui cumprir... Mas há coisas que... Por exemplo, quer dizer... que nunca fiz...? Olhe, nunca fiz um espetáculo que um dia me propuseram: “A Tempestade”, do Shakespeare, eu era o protagonista, o Próspero, rodeado de marionetas. Ele era uma espécie de feiticeiro... vivia numa ilha com a filha que provoca... *(pausa)* Mas isso nunca irei fazer. Esse só podia fazer com as pessoas que me convidaram, e elas já... *(hesita)* Mas... se me pergunta se fica alguma coisa por cumprir, talvez tocar o “Little B”.

*Silêncio. ANA e CARLOS entreolham-se, sem perceber.*

CARLOS / ENTREVISTADOR – O “Little B”?

SARA / OUTRO MÁRIO – Little B? *(olha para MÁRIO em busca de uma pista, ele começa a mimar para a ajudar, ela tenta adivinhar)* Um... uma pessoa... Um solo? Um solo! De... mar... de marionetas? De bateria? De bateria! Dos Shadows! *(percebendo)* Era uma música dos Shadows, com um solo de bateria enorme. Um solo que eu tentava tocar quando era baterista nos Rayãs, mas os meus colegas diziam “eh pá, ó Mário Augusto, ninguém quer ouvir isso, as pessoas querem é dançar.”

CARLOS / ENTREVISTADOR – Estamos mesmo na reta final, mas já que fala nisso, cada vez mais os artistas se queixam que a arte e a cultura estão a ser esquecidas, aliás, atrevo-me a dizer, negligenciadas. Concorda?

*ANA e SARA entreolham-se, desconfortáveis.*

SARA / OUTRO MÁRIO (*devagar*) – Não, eu penso que há... há um certo histerismo da comunidade, vamos lá ver, do sector/

MÁRIO (*zangado*) – Mas o que é que estás a dizer?!

SARA – Eu estou a improvisar...

MÁRIO – Mas eu nunca/

SARA – A improvisar como Mário/

MÁRIO – Péssimo Mário! Um histerismo do sector? Francamente! O Mário nunca improvisa nestas situações!

*Aproxima-se deles, arranca o microfone da mão de Carlos e enxota-o. CARLOS e ANA colocam-se atrás de SARA, a medo. MÁRIO senta-se onde estava CARLOS e assume o papel de entrevistador.*

MÁRIO / ENTREVISTADOR – E agora uma pergunta que eu tenho muita curiosidade em fazer, porque acho que ninguém sabe a resposta: Se eu pudesse fazer agora uma série de televisão, que série é que eu gostaria de fazer?

SARA / OUTRO MÁRIO (*nervosa*) – Que série é que eu fazia? ... ora essa, que pergunta...

MÁRIO – Vá lá!

*SARA passa o microfone a ANA.*

ANA / OUTRO MÁRIO (*hesitante*) – Uma série documental sobre/

MÁRIO – Não!

*ANA passa o microfone a CARLOS.*

CARLOS / OUTRO MÁRIO (*hesitante*) – Uma série ficcional sobre/

MÁRIO – Não!

*CARLOS passa o microfone a SARA.*

SARA / OUTRO MÁRIO – Fazia... fazia...

MÁRIO – É difícil, não é? Sabem porquê? (*pausa*) Porque isso eu nunca contei a ninguém.



ANA, CARLOS e SARA reassumem o papel de entrevistadores e enxotam MÁRIO para o lugar de entrevistado. Vão passando o microfone entre si.

SARA / ENTREVISTADOR – Já que falou de televisão, a série “Os Andrades” já tem quase duas décadas, mas ainda suscita grande carinho no público. Reconhecem-no na rua como o Marcial?

*MÁRIO balbucia o início de uma resposta.*

CARLOS / ENTREVISTADOR – Associam-no muito ao papel do Marcial que desempenhava na série “Os Andrades”. Isso incomoda-o de alguma forma quando o Mário Moutinho tem uma carreira imensa, quer na televisão, quer no teatro?

*MÁRIO balbucia o início de uma resposta.*

ANA / ENTREVISTADOR – A série teve duas temporadas com vinte e seis episódios cada uma delas. Com tanto sucesso que tinha junto do público português, porque é que chegou ao fim?

MÁRIO – Bom, isso é uma questão que terá de colocar à RTP e não a mim...

SARA / ENTREVISTADOR – AH! Então foi uma decisão da RTP e não do elenco?

*MÁRIO balbucia o início de uma resposta.*

CARLOS / ENTREVISTADOR – Ainda em relação à série “Os Andrades”, com aquele elenco fabuloso, infelizmente já sem Maria Dulce: com os outros atores, vai tendo contacto com eles?

*MÁRIO balbucia o início de uma resposta.*

ANA / ENTREVISTADOR – E que recordações tem de Maria Dulce? Ela representava a sua sogra e estavam em permanente desacordo. Na vida real, que relação é que tinham?

*MÁRIO balbucia o início de uma resposta.*

SARA / ENTREVISTADOR – Numa das últimas entrevistas que deu, ela disse que a série “Os Andrades” foi um dos trabalhos que mais prazer lhe deu.

*MÁRIO balbucia o início de uma resposta.*

CARLOS / ENTREVISTADOR – Voltar à televisão não está nos seus horizontes ou tudo depende do projeto em causa? Ainda não colocou uma pedra sobre a televisão?

MÁRIO – Não, eu não coloquei uma pedra sobre nada!

ANA / ENTREVISTADOR – “Não coloquei uma pedra sobre o meu regresso à televisão” - já temos primeira página!

MÁRIO – Eu não disse isso/

SARA / ENTREVISTADOR – Poderia ser um papel fora do humor, uma vez que a maioria das pessoas o associa ao humor?

MÁRIO – Quer dizer, eu não/

CARLOS / ENTREVISTADOR – Então não exclui, na televisão, um papel dramático?

MÁRIO – Eu não excluo nada/

ANA / ENTREVISTADOR – Mário, entrámos na reta final da entrevista! Estamos numa gravíssima crise a vários níveis, muito dizem que é de valores também. No meio de todo este turbilhão, Portugal tem futuro?

*MÁRIO balbucia o início de uma resposta.*

SARA / ENTREVISTADOR – Mário, em menos de trinta segundos, o que é que cada um de nós pode fazer?

MÁRIO (*assertivo*) – Nadar!

*ANA, CARLOS e SARA olham uns para os outros, confusos.*

MÁRIO – Temos de fazer alguma coisa. Arranjar maneira de salvar o barco. Mas temos de ser nós a fazê-lo. É como naquele poema, “A Nêspêra”. Não conhecem? (olha para os outros, que não respondem) “Uma nêspêra estava na cama, deitada, muito calada, a ver o que acontecia. Chegou uma velha e disse: “olha uma nêspêra”, e “zás”, comeu-a. É o que acontece às nêspêras que ficam deitadas, caladas a esperar o que acontece”.

*Silêncio. ANA, CARLOS e SARA entreolham-se, confusos.*

CARLOS / ENTREVISTADOR – O Mário está a dizer... que é vegetariano?

MÁRIO (*desesperado*) – O que é que eu estou aqui a fazer?

## **Sud Express**

*MÁRIO entrega o microfone a CARLOS e dirige-se ao outro lado do palco, onde ANA está sentada, como se viajasse dentro de um comboio.*

ANA (*fazendo-lhe sinal*) – Mário!

MÁRIO *vê-a e sorri, senta-se no “comboio”, de frente para ela.*

ANA – O que é que estás aqui a fazer?

MÁRIO – Larguei tudo, despedi-me, meti-me no Sud Express e vou fazer um curso de cinema para França.

ANA – Boa!

MÁRIO – E tu?

ANA – Eu também estou no Sud Express mas quinze anos depois. Estou a vir de França; fui a Avignon, ver o Festival de Teatro.

MÁRIO – Mas isso é fantástico!

ANA – Esta viagem mudou tudo!

MÁRIO – A minha vida nunca mais foi a mesma!

ANA – Estava a fazer os exames para entrar na Universidade, ia estudar Direito/

MÁRIO – Eu também ia estudar Direito!

ANA – Ia ser advogada, acreditas?

MÁRIO – Podíamos ter sido colegas!

ANA – São aquelas coisas que “fazem sentido”, metemos uma ideia na cabeça e passamos anos sem a questionar...

MÁRIO – Mas, no fundo, não era aquilo que eu queria fazer!

ANA – Estava sentada a fazer os exames, a olhar para as perguntas, e de repente dou comigo a pensar: / O que é que eu estou aqui a fazer?/

MÁRIO – / O que é que eu estou aqui a fazer?/

*Riem.*

ANA – Agora, quando voltar, vou mudar tudo. Vou para Coimbra estudar Psicologia, vou entrar no teatro universitário e vou conhecer as pessoas com quem, daqui a quatro anos, vou fundar uma companhia no Porto!

MÁRIO – E eu vou apaixonar-me pelo cinema, e essa paixão vai durar para o resto da vida!

*SARA aproxima-se deles, olhando em volta como se procurasse um lugar livre no comboio.*

ANA – E, no dia em que acabo o curso, apanho um comboio para o Porto, e no comboio encontro uma colega de turma...

SARA / COLEGA (*vendo ANA, grita*) – ANA!!! Ah e tal... Tudo bem? (*senta-se ao lado de MÁRIO*)

ANA (*para MÁRIO*) – Eu nem a conhecia bem, oh pá... “olá-adeus”, nunca tinha tido grandes conversas com ela. E calha de ela se sentar mesmo à minha frente. (*olha para eles, que corrigem a posição de modo a SARA / COLEGA ficar de frente para ANA*). E ela está a falar e, de repente, no meio da conversa/

SARA / COLEGA (*muito séria*) – “Sabes... é uma coisa que eu ando a pensar. Uma coisa que é mesmo o que eu quero na minha vida: Eu não quero ser uma daquelas pessoas que se repetem!”

ANA – Ela estava a dizer-me aquilo e eu... fiquei assim (*espanto*), e disse qualquer coisa, “ah e tal”... Mas depois dei por mim a pensar: a única maneira de não me repetir é acabar por ir embora. Mas, se eu ficar com as pessoas só até ao momento em que me começo a repetir, nunca vou conseguir criar nada com elas, não é?

*Silêncio. SARA sai do “comboio”. MÁRIO regressa ao lugar de frente para ANA.*

MÁRIO – Este nosso encontro não acontece mesmo, pois não?

ANA – Este não.

MÁRIO – Mas daqui a uns anos vai repetir-se muito.

ANA – Centenas de vezes.

MÁRIO – O que é que viste em Avignon?

ANA – Não sei se, entretanto, já te contei isto... Vi um espetáculo fantástico: “A Tempestade”, do Shakespeare.

MÁRIO (*entusiasmado*) – Oh, “A Tempestade”, tem piada! Sabes que eu também... (*hesita, muda de ideias, incentiva-a a continuar*) Diz, diz.

ANA – Não percebi muita coisa, porque na altura não conhecia o texto e o meu francês não era bom, mas fiquei muito impressionada pela maneira como eles faziam aquilo... praticamente sem nada! Sem cenários construídos, sem grandes adereços... tu olhavas para uns tipos no palco a gritar e rodeados de varas - quando o... o protagonista provoca o naufrágio - e conseguias ver um barco a afundar no meio de uma tempestade!

MÁRIO – Também vi um espetáculo fantástico, em Paris. O “Kean”, do Jean-Paul Sartre.

*Silêncio.*

ANA (*confusa*) – O Sud Express não vai para Paris!

MÁRIO (*grave, apontando-lhe o dedo*) – “O Sud Express vai para onde eu te disser que ele vai!” (*ri-se*) Já te contei essa história?

ANA – Já.

MÁRIO – O “Kean” foi noutra viagem, mas no fundo é a mesma! “Paris” não é Paris, percebes, não é a cidade, é um mundo de possibilidades que se abriam naquela altura. Imagina tu que eu estava à porta do teatro a tentar comprar um bilhete dos mais baratinhos, quando vem um tipo ter comigo e pergunta se quero ficar com o dele, porque não podia ir à peça. Um bilhete caríssimo, um lugar na primeira fila! E ele deu-mo, assim, de borla. Foi fantástico! Depois de ver o “Kean” pensei: “Este é o papel que eu quero fazer quando já tiver muita idade!”

ANA (*confusa*) – Mas... o Kean tem 30 e tal anos.

MÁRIO – Sim, eu percebi que o ator não era muito idoso, mas para mim, que era um jovem, ele parecia um homem em fim de carreira...

ANA – Não, o Kean mesmo, a personagem... só tem 30 e tal anos.

*Silêncio.*

MÁRIO – Ah sim? Olha, não tinha essa ideia. Na altura, parecia muito velho. Já não o leio há anos... Há décadas! Na verdade, já não me lembro bem porque é que queria fazer o “Kean”. Na verdade, se o lesse agora se calhar descobria que não tenho vontade nenhuma de fazer o “Kean”.

*MÁRIO dirige-se à pilha de livros, tira a peça “Kean” e fica a ler. O TÉCNICO entra trazendo um carrinho cheio de antigos objetos de cinema – material técnico, um cortador de película, velhas bobinas. ANA faz sinal a CARLOS para que a ajude a cobrir o charriot de figurinos com um pano.*

## **Cinema**

*SARA desenrola no chão uma faixa de linóleo e começa a caminhar nele, cuidadosamente.*

SARA – Imagem de um homem, no plano, ao fundo. Ouve-se a voz dela, como agora se ouve a minha, a descrevê-lo. Subitamente, a imagem desaparece. A voz dela diz: “tirei-te do plano, nenhuma imagem te pode substituir”. Ela continua a falar, mas o ecrã está negro. Volta a imagem dele. “Voltei a pôr-te na imagem, porque mais vale uma representação tua do que a tua ausência completa”.

MÁRIO *pousa o livro e aproxima-se dela. ANA e CARLOS colocam o charriot coberto atrás do linóleo.*

MÁRIO (*para SARA*) – Isso que estás a dizer é o quê?

SARA – Isto está escrito num guardanapo de um café que tomámos.

MÁRIO – Eu conheço isso. Fui eu que te disse isso?

SARA – Isto é da/

MÁRIO – Que café? Foi há muito tempo?

SARA – Depende de onde estás.

MÁRIO (*lembrando-se*) – Isso é da Marguerite Duras! Os filmes dela... Olha, também têm uma relação com o tempo / que me deixam muito impressionado/

SARA – / que te deixam muito impressionado./ Tu contaste-me.

MÁRIO – Desculpa lá, não me queria estar a repetir. Tu conheces os filmes dela?

SARA – Só os livros. Nunca vi nenhum filme dela. Cada vez mais acho que o momento em que me encontro contigo no teu labirinto não acontece no cinema. Acho que talvez nos encontremos mais nos livros, ou no teatr/

MÁRIO – Estás enganada. Nós vamos cruzar-nos num *plateau*.

SARA – Nós? Não. Estás enganado. O nosso encontro só vai acontecer verdadeiramente no ano passado, precisamente para começarmos a fazer este espe/

MÁRIO – Não, não. Nós fizemos uma série juntos. Uma série sobre o 25 de Abril.

SARA – Tu fazias essa série?

MÁRIO – Eu fazia o farmacêutico.

SARA – Ah, não, eu não ia à farmácia. Nem sequer nos conhecemos nessa altura.

MÁRIO – Nós aparecemos no mesmo episódio, da mesma série, apenas com o intervalo de 1 minuto na edição final.

SARA – Mas, então, o que se pode ter cruzado foram apenas as nossas imagens na sala de edição.

MÁRIO – Eu sou do tempo em que a edição se fazia com acetona.

SARA – Das unhas? Não estou a perceber...

MÁRIO – Tens uma película com a tua imagem e outra com a minha. Para juntar, usavas acetona. Também podias usar fita-cola. Era preciso cortar a fita com uma maquineta. Por exemplo, se quiséssemos dar uma sensação de... Imagina que tens... Olha, diz-me um momento, uma cena que tu... uma emoção/

SARA – Revolução!

MÁRIO – Revolução. (*hesitante*) Revolução? Está bem, pode ser. Imagina que queres realizar uma cena numa revolução: o Carlos vem a correr, dobra a esquina e foge da polícia. (*faz sinal a CARLOS*)

CARLOS – Mas queres que/

MÁRIO – Sim, é para fazer!

CARLOS – Ok, mas venho de qualquer lado?

SARA – Vens de uma revolução!

CARLOS – De uma...?

MÁRIO (*faz sinal a ANA*) - Ana, tu vens atrás dele. És a polícia. (*ANA aproxima-se, contrariada*) Estão em plano de conjunto, vemos o Carlos a correr. (*para CARLOS*) Trazes panfletos clandestinos, policopiados.

CARLOS – Poli-quê?

*ANA pega na pilha de guiões e papéis e dá-a a CARLOS.*

MÁRIO – Trazes na mão a revolução, consegues imaginar?

SARA – Não consegues imaginar?!

CARLOS – Sim, consigo.

*Eles mimam a cena, seguindo as indicações de MÁRIO.*

MÁRIO – Plano geral. Carlos corre. Ana atrás dele. Plano próximo: Ana com cassetete na mão. Muda de ponto de vista: Carlos vira, cruza-se comigo, bate-me no ombro, deixa cair o envelope.

Muda de ângulo: Ana segue em frente. Perdeu o Carlos de vista. PP - plano de pormenor do envelope no chão.

SARA – E eu? Onde é que eu estou na revolução?

MÁRIO – Tu estás a realizar! Filmas o que quiseses e editas para ter a tua revolução. Se preferires o efeito de um filme americano - olha o Tarantino - tens de encontrar o ponto de corte numa imagem e noutra, e depois cortas dois *frames* a cada plano. A velocidade da cena aumenta. *(estala os dedos)*

SARA / REALIZADORA *(alto)* – Então repetimos, vamos de início. Cortamos dois *frames* a cada plano. *(ANA, CARLOS e MÁRIO repetem cena da revolução; mais rápidos)* Carlos foge; Ana atrás dele; vira a esquina; encontra-se com Mário; deixa cair os papéis. CORTA! *(para MÁRIO)* Eu não percebi. Quer dizer, eu percebi o que realizei, mas... Um *frame* é uma fotografia? É como uma fotografia?

MÁRIO – Um *frame* não é só uma fotografia, um *frame!*

CARLOS – A fotografia mudou a memória das pessoas.

MÁRIO – Os irmãos Lumière não faziam ideia do que viria a ser o cinema quando inventaram o obturador/

CARLOS – Há muita coisa que tu recordas, que tu julgas recordar, que na realidade não recordas, só que como viste a imagem, o que recordas é a imagem, já não recordas o momento. *(para MÁRIO)* Olha, fecha os olhos. *(vendo que MÁRIO olha para ele, desconfiado)* Não, fecha mesmo!

*ANA, MÁRIO e SARA fecham os olhos.*

CARLOS – Agora tenta recordar alguma coisa na tua vida que não esteja fotografada.

MÁRIO *(voltando a abrir os olhos)* – Epá, isso é terrível...

ANA *(voltando a abrir os olhos)* – Há quem diga que isso acontece sempre...

CARLOS – O quê?

ANA – Há quem diga que isso acontece sempre.

CARLOS – Tendes a recordar não tanto o que aconteceu, mas a representação que tu já fizeste do que aconteceu.

SARA – Mas isso não é um bocado o/



ANA – Isso é a base da memória, não é? Essa construção... *(para SARA)* Mas isso é saudável.

SARA *(voltando a abrir os olhos)* – Mas também dá ao contrário, não é? Por exemplo, eu só pude participar na revolução por tê-la vivido na série.

ANA – Eu vivi, mas só me lembro por causa da fotografia do meu aniversário. Fiz um ano no 25 de Abril, foi o meu primeiro presente.

CARLOS *(de olhos fechados)* – Se há memória que eu tenho a certeza de ter vivido e não está fotografada é estar às cavalitas do meu pai, no 25 de Abril, e ver os Aliados completamente cheios!

ANA – Ah, mas a minha revolução passa-se em Setúbal.

SARA *(pondo-se ao lado de CARLOS)* – A que eu vivi, passa-se no Porto.

MÁRIO *(pondo-se ao lado de SARA)* – Eu estava no Porto!

SARA – O plano é um *travelling*, como se fosse em cima de um elétrico a chegar. Eu sou a amiga da protagonista, vou a correr e digo-lhe:

MÁRIO – “Mário!”, o meu amigo bate com força na porta: “Mário!”. E eu estou de pijama.

CARLOS *põe-se ao lado de ANA e juntos observam MÁRIO e SARA a descrever a cena.*

SARA – Sim, foi logo de manhã e eu grito-lhe: /Anda! Tens que vir! Parece que houve uma revolução./ Anda, anda!

MÁRIO – / “Epá, acorda, pá! Parece que está a haver uma revolução!”/ *(para SARA)* Espera. Ele não me diz para vir, ele diz para eu ficar em casa, não se sabia o que podia acontecer! Eu só vou para os Aliados a meio da manhã.

SARA – Não, mas aqui eu levo logo a protagonista para a rua.

MÁRIO – Não pode ser! O protagonista tem que ficar em casa a acompanhar o que está a acontecer pela rádio.

SARA – Mas isto é ficção. Já sabes... eles ficionam tudo. É cinema, tem que ser mais... *(estala os dedos)*

MÁRIO – Mas não se pode ficcionar o 25 de Abril. O 25 de Abril foi a coisa mais verdadeira que já vivi.

SARA – Sim, eu também, eu estou só a dizer...

MÁRIO – Mas tu viveste o 25 de Abril?

SARA – Sim.

*ANA, CARLOS e MÁRIO entreolham-se, confusos.*

MÁRIO – Espera, estou a ficar confuso. Em que altura é que estamos? Tu que idade tens, Sara?

SARA – Eu vivi o 25 de Abril nos relatos.

MÁRIO – Da rádio?

SARA – Nos teus. Eu entro na tua história no 25 de Abril.

MÁRIO – Mas tu estavas lá?

SARA – Sei lá, acho que sim. Já me contaste a tua memória. É como um presente que se dá. Não podes escolher esquecer uma coisa que me contam, sabias?

MÁRIO – Então queres entrar no meu 25 de Abril?

SARA – Sim, pela porta adentro.

*ANA e CARLOS começam a preparar a cena para realizar o 25 de Abril; CARLOS reposiciona os projetores de luz, ANA procura o melhor ângulo para filmar.*

MÁRIO – És o amigo?

SARA – A amiga. Sou sempre a amiga da protagonista.

MÁRIO – Espera! E vamos fazer a cena?

SARA – É como nas montagens de um filme.

MÁRIO – Mas e se depois disso eu não conseguir voltar a recordar o meu 25 de Abril sem ti? Se acabares por alterar definitiva/

SARA – Se me deres essa memória, é mais difícil ela perder-se.

MÁRIO – Eu não posso dar-te essa memória. Quanto tentei contá-la ao meu filho, nem consegui. Nunca vou esquecer. Prefiro repetir-me até ao fim da vida do que esquecer esse dia.

SARA – Mas tu não podes escolher do que te vais lembrar. Mais vale uma representação desse dia, do que a sua ausência completa.

*MÁRIO, hesitante, olha para ANA e CARLOS, que o incitam a fazer a cena.*

MÁRIO (*para SARA*) – E vais fazer uma edição à europeia ou à/

SARA – Edição europeia! É tipo Maio de 68. Revolução Francesa. As revoluções todas de uma vez. Eu adorava ter lá estado!

## **25 de Abril**

MÁRIO (*sorrindo*) – É de madrugada. Eu estou em casa. (*esconde-se atrás do charriot*)

*ANA dá a pilha de papéis e guiões a SARA e faz-lhe sinal para começar a filmar.*

ANA / REALIZADOR – Plano da fachada da casa.

SARA (*aproximando-se da “casa” de MÁRIO, sussurra*) – Mário! Mário! Anda, tens que vir!

CARLOS / REALIZADOR – *Over the shoulder* da Sara, vemos Mário a vir à janela.

MÁRIO (*aparecendo por cima do charriot*) – Que foi? Que se passa?

ANA / REALIZADOR – *Over the shoulder* do Mário, fechado na Sara.

SARA – Mário! Tens que vir, liga o rádio.

CARLOS / REALIZADOR – Plano de Pormenor do rádio.

*MÁRIO segura o rádio perto do ouvido. Ouve-se a música “Tanto Mar” de Chico Buarque.*

MÁRIO (*confuso*) – Mas esta música...?

ANA / REALIZADOR – Muito grande plano da cara de Mário com rádio perto do ouvido.

LOCUTOR (*em off*) – Um programa de última hora, um comunicado de última hora, como queiram. A população de Lisboa, do Porto e de outros centros do país, apesar dos constantes apelos para que se mantivesse em casa, logo que teve conhecimento do movimento das forças armadas, acorreu às ruas e vitoriou os generosos e decididos militares, empenhados nesta ação de salvação nacional.

CARLOS / REALIZADOR – Picado das escadas do prédio. Vemos Mário a descer a correr.

*MÁRIO sai de trás do charriot, ainda segurando o rádio.*

LOCUTOR (*em off*) - O movimento das forças armadas, considerando ser seu dever a defesa do país, como tal se entendendo também a liberdade cívica dos seus cidadãos, solicita de todo o povo a maior tranquilidade, e pede-lhe que se mantenha em casa.

*ANA tira o rádio da mão de MÁRIO. SARA dá-lhe um conjunto de filtros de luz vermelhos, do tamanho de panfletos. MÁRIO olha em frente, sorrindo. Ao seu redor, ANA, CARLOS e SARA mimam as movimentações do 25 de Abril pelas ruas.*

SARA – A Avenida dos Aliados é um mar de gente. Tudo no Porto está em obras, há pedras soltas na calçada, vão servir de arma de arremesso para “umas escaramuças” com a polícia que existirão ao longo do dia.

LOCUTOR (*em off*) – Aos comerciantes solicita-se que encerrem os seus estabelecimentos.

CARLOS / REALIZADOR – Plano geral do interior do café, o Mário a entrar no Imperial.

*MÁRIO avança.*

ANA (*para MÁRIO*) – Não comeste nada desde que acordaste, mas não sentes fome. O estômago está às voltas, mas de um sentimento novo, indescritível. Entras no café Imperial para procurar mais informação. Não consegues ver caras, as centenas de pessoas estão com a cabeça enfiada no jornal.

SARA – Os ardinas gritam “Edição especial”, há edições duplas e triplas. As ruas estão cheias de militares, pessoas, nunca se viu tanta gente.

*MÁRIO sai do palco e atravessa a plateia, distribuindo os filtros-panfletos. Desaparece.*

CARLOS / REALIZADOR – *Steady-Cam, point of view*, no meio da multidão.

*SARA liga o projetor de cinema antigo e esconde-se atrás do charriot, fazendo um teatro de sombras sobre o 25 de Abril.*

ANA – Sabes que já não interessam os factos históricos, o que aconteceu. Tens a certeza que falar das transformações sociais que aconteceram nesse dia não é suficiente, e que explicar o sentimento e o que significou de mudança em todas as vidas, não é possível.

CARLOS – ... aeroportos e fronteiras. O movimento que está cumprindo com êxito a mais importante das missões cívicas dos últimos anos da nossa história, proclama à nação o seu propósito de a libertar de um regime que a oprime há longos anos.

ANA – Sabes que um dia serás pai, sabes que estás a preparar o mundo para o dia do nascimento do teu filho, mas sabes que nada mais será como este dia!

CARLOS – E de levar a cabo, até à sua completa realização um programa de salvação do país e restituição das liberdades cívicas de que vem sendo privado.

ANA – Sabes que quando lhe quiseres explicar o que viveste naquele dia, não vais conseguir.

CARLOS / REALIZADOR – Plano geral: Mário na Avenida dos Aliados.

ANA – “Ao fim da tarde de hoje no Convento do Carmo, em Lisboa, deu-se a rendição do governo do Professor Marcelo Caetano que entregou também o comando das forças armadas ao movimento triunfante.”

CARLOS / REALIZADOR – Drone em plano ascendente até plano aéreo muito geral. O Mário desaparece na Avenida dos Aliados!

*ANA e CARLOS miram o horizonte, felizes. SARA desliga o projetor de cinema.*

### **Onde está o Mário?**

*Silêncio. ANA e CARLOS olham para o fundo da sala. Procuram MÁRIO.*

ANA – Mário?

CARLOS – Mário?

SARA (*como se regressasse do 25 de Abril, feliz*) – UAU, nunca vivi nada assim!!

CARLOS – E o Mário?

ANA – Vocês não estavam juntos?

SARA *olha para o fundo do palco, constata que MÁRIO não está.*

CARLOS – Achas que apanhou uma boleia?

SARA – Não sei... Tentamos seguir?

*Eles olham para os bancos que estão no palco, depois uns para os outros, fazendo um sinal afirmativo. Dirigem-se aos bancos, como se fossem entrar num carro, com ANA no lugar do condutor.*

ANA (*parando*) – Espera! (*rápida, para SARA*) Tu tens carta?

SARA – Sim.

ANA – E conduzes?

SARA – Sim.

*Corrigem as posições. SARA dirige-se ao lugar do condutor.*

SARA (*parando*) – Espera! (*rápida, para CARLOS*) Tu tens carta?

CARLOS – Sim.

SARA – E conduzes?

CARLOS - Sim.

*Corrigem as posições. CARLOS dirige-se ao lugar do condutor.*

CARLOS (*parando*) – Espera! (*rápido, para ANA*) Tu tens carta?

ANA – Sim.

CARLOS – E conduzes?

ANA – Não.

CARLOS – Vamos lá então.

*Entram no “carro”, com CARLOS ao volante.*

CARLOS (*colocando as mãos na posição*) – Posição: 10h10/

ANA (*no gozo*) – Vamos chegar atrasados! (*os outros dão-lhe um rápido olhar de desaprovação*)

CARLOS – E aqui vou eu! (*mima o movimento do carro a arrancar*) Mário Moutinho: Barbudaço. Licenciado em Direito pela Universidade Católica, Juiz da 1ª Vara Cível do Recife, Professor de Direito do Consumo, Diretor da Caixa de Previdência dos Magistrados, Vice-Presidente da Associação dos Magistrados de Pernambuco.

SARA – Péssimo Mário! (o “carro” trava) O Mário juiz? Do lado do poder? Não, o Mário esteve sempre do outro lado. (chega CARLOS para o lado, ocupa o volante; colocando as mãos em posição) Vamos lá então. Posição: 10h10/

ANA (no gozo) – É como se o tempo não passasse por ele! (os outros dão-lhe um rápido olhar de desaprovação)

SARA – E aqui vou eu! (mima o movimento do carro a arrancar) Mário Moutinho: careca. Licenciado em arquitetura pela Escola Superior das Belas Artes de Paris e Doutorado em Antropologia Cultural pela Universidade de Paris VII. Carecão, ligeira mosca. É o Reitor da Universidade Lusófona, o que deu o diploma ao Miguel Relvas sem ele ter acabado o curso! Escreveu um livro sobre bacalhau.

ANA – Bacalhau?? (o “carro” trava) Péssimo Mário! O Mário alguma vez ia dar uma licenciatura a alguém que não fez as cadeiras todas? (afasta SARA para o banco ao lado, ocupa o lugar de condutor, coloca as mãos em posição de segurar rédeas) E aqui vou eu! (mima o movimento de um coche que começa a andar) Mário Moutinho: educado no Colégio Militar, Primeiro sargento no Regimento de cavalaria 4, boa patilha... Doutorado em Medicina pela Universidade de Lisboa em 1902, oftalmologista! Tem uma avenida com o seu nome em Lisboa. E inventou uma MÁQUINA DE MATAR... uma máquina de matar formigas! (ri)

CARLOS (impressionado) – Uau ... uma máquina de matar formigas? Tipo... (fazendo o som que imagina) “Tch-tch-tch”...?

ANA (no gozo) – Não, isso é um solo de bateria!

SARA – Péssimo Mário! (relincha, o “cavalo” empina-se e o coche detém-se)

ANA – Olha, quem sou eu, quem sou eu? (sobe ao banco e faz uma mímica muito rápida)

CARLOS E SARA – O Mário!

SARA – Quando numa peça o encenador lhe diz/

CARLOS (exagerado, com sotaque brasileiro) – “Mário, garoto, você tem aí uma pérola, mas eu não vou dizer o que é para você não estragar tudo!”

SARA – E a pérola era, quando ele dizia o seu próprio nome:

ANA, CARLOS E SARA (exagerados) – ARANDIR!!

MÁRIO (em off, como se sáísse do rádio) – Aprígio!

ANA, CARLOS E SARA (repetindo o tom exagerado) – APRÍGIO!

CARLOS – Quem sou eu, quem sou eu? *(sobe ao banco e faz uma mímica muito rápida)*

ANA E SARA – Mário!

ANA – Quando numa peça o encenador lhe disse:

SARA *(exagerando)* – “Mário, para que é o dedinho espetado?”

CARLOS *(olhando o dedo)* - ... para nada...

SARA – “Se é para nada...”

ANA, CARLOS E SARA – “TIRA!” *(riem)*

SARA – Quem sou eu, quem sou eu? *(sobe ao banco e faz uma mímica muito rápida)*

ANA E CARLOS – Mário!

CARLOS – Quando numa peça, ele achou que estava a fazer aquilo muito mal/

ANA – E um dia estava no camarim, olhou para o espelho e perguntou a si próprio:

ANA, CARLOS E SARA – “Como é que o Raúl Solnado faria isto?”

*Ficam momentaneamente sérios, preocupados.*

CARLOS *(olha em volta)* – Estamos perdidos?

SARA *(regressando ao lugar do condutor)* – Liga o rádio! Ele passou lá tantos anos, pode ser que apareça.

CARLOS *levanta a antena do rádio, o “carro” arranca. Ouve-se o som do rádio a sintonizar, depois a voz do MÁRIO.*

MÁRIO *(em off, como se saísse do rádio)* – Este divertido momento teve o patrocínio exclusivo do champô Policolor.

ANA, CARLOS E SARA *(felizes)* – AHHH!

MÁRIO *(em off, como se saísse do rádio)* – “Se aos seus cabelos quer dar outra cor, lave a cabeça com Policolor! Acabam-se as mágoas e chega o amor, depois de usar o Policolor.”



ANA, CARLOS E SARA (*cantando*) – Acabam-se as mágoas e chega o amor, depois de usar o Policolor.

ANA – Anúncios publicitários! Ele fazia isto muito bem!

SARA – E chegou a inventar alguns!

*Mudam de posição, como se o carro tivesse virado.*

ANA – “Miura, calças e blusões: Têm muita raça, as calças e os blusões Miura.”

SARA – “Malas York: Nas Malas York, cabe tudo. Até aquilo que você se esquecia.”

*Mudam de posição, como se o carro tivesse virado. A rádio volta a sintonizar, ouve-se a canção “Rock Mexeriqueiro”.*

ANA, CARLOS E SARA (*felizes*) – AHHH!

SARA – Rock Mexeriqueiro, música João Lóio, letra José Topa, e na bateria... MÁRIO MOUTINHO!

MÚSICA (*em off, como se saísse do rádio*) – “Onde já se viu uma coisa igual / Um gato e uma andorinha / Isto vai mal”

ANA, CARLOS E SARA (*cantam alto, em coro*) – “Onde já se viu uma coisa igual / Um gato e uma andorinha / Isto vai mal / Onde já se viu, onde já se viu, onde já se viu?”

MÚSICA (*em off, como se saísse do rádio*) – “Onde já se viu, estou p’rá minha vida / Uma andorinha assim toda derretida”

ANA, CARLOS E SARA (*cantam alto, em coro*) – “Onde já se viu, estou p’rá minha vida / Uma andorinha assim toda derretida / Onde já se viu, onde já se viu, onde já se viu?”

*A música acaba. ANA e CARLOS mudam de posição, como se o carro tivesse virado. SARA não se apercebe, continua a cantar com voz esganiçada.*

SARA – “Eu sei que é o fim do mundo, isto está sem jeito!” (*os outros olham para ela com ar espantado; embaraçada, com a voz a sumir-se*) “Está tudo maluquinho, já não há respeito...” (*voz séria*) Isto é... Jorge Amado. (*vira-se também*)

ANA – Nesta peça ele fazia de sapo/

CARLOS – Em cima de um escadote: (*imitando a voz do sapo*) “A peça poética em discussão é carente de ideias profundas...”

ANA – Ele fazia de sapo/

CARLOS – “... e peca por inúmeros defeitos na forma.”

ANA – Ele fazia de sapo/

CARLOS – “A linguagem não é escoreita...”

SARA (*para ANA*) – Cocas?

CARLOS – “ e a construção gramatical não obedece aos cânones dos excelsos vates do passado!”

ANA (*chateada*) – ...Cururu!

CARLOS E SARA (*afetados*) – Uuuuh!!

*Mudam de posição, como se o carro tivesse virado. A rádio volta a sintonizar, ouve-se o som de uma cena da série “Os amigos de Gaspar”.*

MÁRIO / GUARDA SERÔDIO (*em off, como se saísse do rádio*) – “Uhm, pois jé! Hoje ninguém pacha. Ninguém entra!”

ANA E CARLOS (*felizes*) – AHHH!

MÁRIO / GUARDA SERÔDIO (*em off, como se saísse do rádio*) – “... nem vagabundos, nem mirones de espexie nenhuma, num entra cheja quem for!”

ANA (*imitando*) – “Quer-xe dizer, num entra nem xai! Proibida a entrada e proibida a xaída! Uhm.”

CARLOS (*sem se lembrar do nome da personagem*) – O coiso!

SARA (*sem reconhecer a cena*) – Quem? Quem?

ANA (*imitando*) – “Pois jé o que devia dizer aqui. Uhm. Pois jé.”

CARLOS – ... o Patafúrdio...

SARA – Qual? Qual?

CARLOS – ... o amigo do Gaspar...

ANA (*imitando*) – “Tenho de abijar o diretor cá aqui um lapxo inopinado na tabuleta!”

ANA, CARLOS E SARA – O Guarda Seródio!

*O “carro” trava subitamente. A rádio volta a sintonizar, ouve-se um relato de futebol. Eles olham em volta.*

SARA – Onde estamos agora?

CARLOS (*reconhecendo, feliz*) – Estádio das Antas!

ANA (*confusa*) – O Mário está a jogar?

CARLOS – Está a substituir um colega, que teve uma lesão e nesse dia não pôde ir ao jogo para fazer os, os...?

ANA E SARA (*felizes*) – Anúncios publicitários!

*Levantam-se, enérgicos.*

SARA – Estamos no Estádio das Antas, em cima da pista. Um técnico de som, um relator, um comentador e um que diz anúncios.

CARLOS (*erguendo a mão*) – Relator!

ANA (*erguendo a mão*) – Comentador!

MÁRIO (*em off, como se saísse do rádio*) – Anúncios!

*ANA, CARLOS e SARA olham para o rádio com estranheza.*

SARA (*frustrada*) – Técnico...

*SARA retira os microfones da caixa de material técnico e entrega-os a CARLOS e ANA. Os três sentam-se lado a lado, com o rádio entre eles. Olham em frente, atentamente. SARA vai dando os sinais para as intervenções.*

CARLOS / RELATOR – Moutinho nas dobragens, durante a manhã, dobra, dobra, dobra, dobra outra vez.

MÁRIO (*em off, como se saísse do rádio*) – “Pasta medicinal Couto, anda na boca de toda a gente.”

CARLOS / RELATOR – Sai do estúdio, segue, rápido, Avenida acima, RTP, “Amigos de Gaspar”, “Tempo dos Afonsinhos”, “Árvore dos Patafúrdios”, “Mópi”, “Os Andrades”, “Os Andrades”, Andraaaaaaades!

MÁRIO (*em off, como se saísse do rádio*) – “A saúde está primeiro, beba água do Vimeiro.”

CARLOS / RELATOR – E segue, segue direto, sem parar, para o Teatro, já vestido e maquiado, num táxi, direto da televisão, para o palco, Moutinho!

MÁRIO (*em off, como se saísse do rádio*) – “Sanzala Café: Sanzala Café e que bom que é.”

ANA / COMENTADOR – Momento de grande intensidade... Quando se vê no táxi até se sente aliviado como se ir para o teatro lhe permitisse descansar da pressão e dos prazos do audiovisual. Já tem 50 anos mas parece tão parvo como aos 20, é como se não sentisse o tempo a passar por ele.

MÁRIO (*em off, como se saísse do rádio*) – “Fercou: a tinta que mais pinta e não há quem desminta se com ela já pintou.”

SARA (*olhando em volta, preocupada*) – Para onde é que estamos a ir?

CARLOS / RELATOR – Das dobragens para a televisão, da televisão para a rádio, da rádio para o teatro, do teatro para os copos, eiiiiiii, perdeu-se um grande advogado para se ganhar um ator de /merda/.

MÁRIO (*em off, como se saísse do rádio*) – /Mabor/: Os pneus Mabor oferecem ao jogador que marcar o primeiro golo do encontro, um conjunto de 4 pneus. “Mabor o pneu com garra que te agarra à estrada.”

SARA (*olhando em volta, preocupada*) – Para onde é que estamos a ir?

CARLOS / RELATOR – Vai para os copos, combina com uma rapariga, três, quatro da manhã, está frio, nevoeiro, no dia seguinte acorda e (*desapontado*) ahhhhh!!

ANA / COMENTADOR – Oh, e que vergonha! Ele que está sempre a recomendar aos outros, com aquela experiência, cuidado com a garganta, cuidado com a garganta.

CARLOS / RELATOR – Reparem, na lateral, a gritar...é o Reis, o presidente do clube: “Ó Mário Moutinho, tu estás bonito!”... Vai falhar! Vai falhar um espetáculo, não tem voz... e não falha! Não falha!

ANA / COMENTADOR – É verdade que não falhou o espetáculo. É um jogador impressionante, fez o espetáculo todo com a garganta em sangue, mas nunca faltou a um espetáculo. Nem quando o seu pai morreu, enterrou-o às 5 e foi fazer um espetáculo às 9.

SARA – Para onde é que estamos a ir? Será que não estamos a ir muito depressa? (*para CARLOS*) Não é melhor pões as mãos no volante? Posição 10h10?

*CARLOS passa o seu microfone a SARA e assume novamente a posição do condutor do carro. ANA passa o seu microfone a SARA e observa CARLOS, intrigada. SARA segura os dois microfones como se fossem um telemóvel. Ouve-se uma ária da ópera “Árvore dos Sonhos”.*

CARLOS – Não, não, não... Eu agora sou encenador de óperas e escrevo libretos, tenho um descapotável azul...

SARA / PRODUTORA (*para o “telemóvel”*) – Arranja-me um descapotável azul mar.

CARLOS – ... azul mar, olhos no horizonte, o vento nos cabelos, o sol, estão a ver? A estrada a passar, a minha assistente à direita...

SARA / PRODUTORA (*para o “telemóvel”*) – Figurante para assistente. (*ANA ergue a mão, SARA aprova*) Ótima...

*ANA senta-se ao lado de CARLOS, segurando o rádio.*

CARLOS – Os cabelos dela também levados pelo vento, a produtora no banco de trás, essa tinha o cabelo curtinho.

SARA / PRODUTORA (*para o “telemóvel”*) – Cabelos ao *plateau*.

ANA – E depois aparece um angolano que tinha jogado basquete no Sporting...

SARA / PRODUTORA (*para o “telemóvel”*) – Figurante angolano que jogue basquete!

ANA – ...e que eu conheço num curso de canto lírico...

SARA / PRODUTORA (*para o “telemóvel”*) – Espera aí, tem que cantar ópera.

ANA – ... e que me convida para renovar o teatro de Benguela e a política cultural da região e mais não sei o quê, e depois vem a ministra...

SARA / PRODUTORA (*para o “telemóvel”*) - Figurante para Ministra da Cultura.

ANA – ... mas de repente cai o preço do petróleo e depois vêm os americanos e ficam com tudo!

*MÁRIO aproxima-se calmamente do carro, sem que os outros se apercebam. A música vai desaparecendo.*

MÁRIO (*com voz de Fredo Brillhantinas*) – “Ó Sr. Moutinho!”

*ANA, CARLOS e SARA param, surpreendidos, olham em frente e depois para o rádio, tentando perceber de onde vem a voz.*

MÁRIO (*com voz de Fredo Brilhantinas*) – “Desculpe interromper o espetáculo, está lá fora um carro a atravancar tudo, e eu não posso fazer o meu trabalho de arrumador de automóveis, um Fiat Uno, PM-25-Qualquer Merda, deve ser de alguém que está aqui no teatro!”...

MÁRIO *faz sinal de pedir boleia. ANA, CARLOS e SARA finalmente percebem que ele está de volta.*

ANA, CARLOS E SARA (*contentes, aliviados*) – MÁRIO!!

CARLOS – Entra aí!

*Mudam de lugares no “carro” e arrumam o rádio. MÁRIO senta-se ao volante, sorri placidamente. SARA continua a usar os microfones como se fossem um telemóvel.*

MÁRIO – Este era o Fredo Brilhantinas, brilhantemente interpretado pelo João Paulo no “Vai no Batalha”.

SARA / PRODUTORA (*para o “telemóvel”*) – Preciso dos direitos do Teatro de Marionetas do Porto!

MÁRIO – O Brilhantinas foi inspirado pelo Idalino, que arrumava o carro dele durante os ensaios.... eu já vos contei do Idalino? Era o arrumador ali no Largo de São João Novo. E uma vez, ao fim do dia, nem carro nem Idalino, nós vamos à procura, onde é que está o Idalino, onde é que está o carro? E aparece um moineiro a dizer que o Idalino teve um azar, e nós “azar como, onde está o Idalino?”, e ele “ehhh muito azar, coitado”, e nós “eeehh muito azar como, onde é que está o carro?”, e ele “ehhh um azar do caralho”/

SARA / PRODUTORA (*para o “telemóvel”*) – Muda a classificação etária! Ele diz “caralho” uma vez, põe maiores de 16.

MÁRIO – ...e nós “ehhhh um azar do caralho como?”...

SARA / PRODUTORA (*para o “telemóvel”*) – Maiores de 18! Ele diz “caralho” duas vezes!

MÁRIO – E o carro, o carro/

SARA / PRODUTORA (*para MÁRIO*) – Qual era o carro?

MÁRIO – Era um Volvo 440

SARA / PRODUTORA (*para o “telemóvel”*) – Arranja-me de um Volvo 440 de 95, ba-ra-ti-nho!

MÁRIO – Caiu ao rio. Foi por ali abaixo à procura de lugar, estava a chover, e os carris do elétrico e mais não sei o quê. E caiu no rio com o carro.

SARA / PRODUTORA (*para MÁRIO*) – Morre?

MÁRIO – Morre nada! Dizem que subiu por ali acima a esgravatar que até parecia um gato.

SARA / PRODUTORA (*para MÁRIO*) – Mas o carro do João Paulo caiu mesmo ao rio?

MÁRIO – Afunda-se, desaparece.

SARA / PRODUTORA (*para o “telemóvel”*) – Grua! Há um carro que caiu à água! (*para MÁRIO*) Para onde é que estamos a ir?

MÁRIO (*sereno*) – Tenham calma, tenham calma...

SARA (*nervosa*) – Não podes ir mais devagar?

MÁRIO – Não entrem em pânico.

SARA – Mas para onde é que estamos a ir?

MÁRIO (*sorri, placidamente*) – Sei lá...

SARA – Não sabes? Mas tu é que nos estás a conduzir!

MÁRIO – EU? Eu nunca conduzi um carro na minha vida!

ANA (*chocada*) – Nunca conduziste?

MÁRIO – Não.

*ANA, CARLOS e SARA entram em pânico. Tentam segurar-se, como se o “carro” estivesse descontrolado.*

SARA – E aquela vez em que ias de lua de mel, fizeste inversão de marcha na estrada nacional e foste para Lisboa trabalhar na campanha política da candidatura do/

MÁRIO – Mas eu nunca disse que era eu que ia a conduzir

CARLOS – Mas... tens carta, certo?

MÁRIO – Eu?? Não. Nunca tive. De onde é que vocês tiraram essa ideia?

ANA (*apontando*) – Ó Mário, está um pneu a ultrapassar-nos! Aquele pneu é nosso?

MÁRIO (*divertido*) – Olha, o pneu do meu sogro!

SARA - E quando ias a conduzir para a Trofa e compuseste uma redondilha?

MÁRIO – Eu ia de camioneta, vocês é/

CARLOS – E o teu descapotável azul?

MÁRIO – Isso foram vocês que inventaram!

*A tensão vai aumentando.*

CARLOS – Mas e quando eras produtor de cinema e te metias no carro/

MÁRIO – Eu não conduzo! Nunca/

ANA – Mário, este carro não é um Volvo 440 de 95?

SARA – E quando foste para França, com um atrelado atrás/

MÁRIO – Isso foi no carro do João Paulo. Eu nunca tive carro. Este carro é o do João Paulo!

CARLOS (*gritando*) – Este é o carro que o Idalino tenta estacionar e cai à água?

MÁRIO – Confiem em mim.

SARA (*gritando*) – Tu estás a conduzir um carro, sem carta!

MÁRIO – Mas eu já fiz isto...

ANA (*gritando*) – E sem um pneu!

SARA – E quando eras piloto de ralis?

MÁRIO – Eu não era piloto, era o pendura!

ANA, CARLOS e SARA *agarram-se a ele, apavorados.*

SARA – Mas e quando o teu filho nasceu?

ANA – Quando estavas a ver os “Marretas” e as águas rebentaram?

MÁRIO – Mas as águas não me rebentaram a mim.

CARLOS – Mas foste na motorizada para o hospital, tu a conduzir e a tua mulher atrás.

MÁRIO – Mas não era eu que ia a conduzir, era o Serafim!

ANA – Quem é o Serafim?

SARA – E onde estava a tua mulher?

CARLOS (*apontando em frente*) – Ahhhh!

MÁRIO (*sereno*) – Calma...

ANA – Vamos cair à água??

MÁRIO – É como um mantra!

*Ouve-se uma voz vinda da régie do teatro.*

VOZ DA RÉGIE (*grita*) – Atenção ao escuro!

*Blackout. ANA, CARLOS e SARA gritam a plenos pulmões. Ouve-se o som de algo que cai à água.*

MÁRIO (*off*) – Impacto, cinto de segurança, crianças, janela, sair, nadar para a superfície.



### PARTE III

#### **Chegada à ilha**

MÁRIO (*off*) – “Então, jovens, como é que está a água?” Já vos contei esta?

*A luz regressa. ANA, CARLOS e SARA olham em volta, atordoados. Tocam ligeiramente nas testas, percebem que estão lá uns papéis colados. Os papéis têm os seus nomes. SARA entrega os microfones a Carlos, que os guarda, e sai.*

ANA (*confusa*) – Essa é a dos marinheiros?

CARLOS – Não, essa é a dos peixes.

MÁRIO (*para ANA*) – Mas conheces a dos marinheiros? Já te contei?

ANA – A dos marinheiros acho que não acabaste.

MÁRIO – Então, eles tinham chegado a uma ilha e iam desembarcar – espero não me estar a repetir – e têm que atracar o barco, e os marinheiros viram-se para ele e perguntam: Comandante, com quantas amarras vamos amarrar o navio? E ele diz: “Com quantas amarras? Com quantas?” Faz uma pausa, e diz com uma voz de comandante, acostumado a comandar: (*com voz de comandante*) “Com todas!” E a tripulação espantada: (*com voz de tripulação*) “Ordem do comandante: amarrar o navio com todas as amarras!”.

CARLOS – Já sei! (*para ANA, tocando o papel que tem na testa*) Sou uma personagem?

ANA – Não.

CARLOS – Estou vivo?

ANA – Sim.

CARLOS – Sou feliz?

ANA – Mais ou menos.

CARLOS – Mais ou menos não vale!

MÁRIO – As amarras estavam todas postas e a tripulação pergunta ao comandante: (*com voz de tripulação*) Comandante, as amarras já estão. Quantos ferros? E ele responde: (*com voz de comandante*) “Todos”. Surpresa. (*com voz de tripulação*) “Ordem do comandante: todos os ferros!”.

ANA – Já sei! *(para CARLOS, tocando o papel que tem na testa)* Sou uma pessoa?

CARLOS – Sim.

ANA – Morta?

CARLOS – Não.

*SARA regressa com quatro cafés nas mãos.*

MÁRIO – Já estavam as amarras, já estavam os ferros e agora perguntam-lhe pelas manilhas: E ele *(com voz de comandante)* “Todas”; e a tripulação: *(com voz de tripulação)* “Ordem do comandante: todas as manilhas!”. “Comandante, amarras, ferros e manilhas terminados. Quantas espias, comandante?”. E ele diz... *(aponta para ANA, CARLOS e SARA para que completem).*

ANA, CARLOS E SARA *(imitando a voz de comandante)* – Todas!

*SARA entrega cafés a ANA e CARLOS e pousa o de MÁRIO num banco. Senta-se a beber o seu café enquanto ouve o fim da história. ANA e CARLOS vão bebendo, à medida que arrumam mais algum material pelo espaço.*

MÁRIO – Muito bem, marinheiros! *(retira do bolso das calças duas baquetas de baterista e agita-as no ar)* Mas naquela noite houve uma tempestade terrível e todos os navios foram arrancados das suas amarras pelo vento e destroçados. Todos menos o do tal comandante, que continuava amarrado ao cais, com todas aquelas amarras que ele tinha ordenado. Ele, o contador de histórias, o único a salvar o navio, a prever a tempestade.

SARA – Sou eu? *(para MÁRIO, tocando o papel que tem na testa)* Sou a “Tempestade”?

MÁRIO *(hesitando)* – A tempestade?

SARA – O espetáculo! Aquele que ia fazer só tu, rodeado de marionetas. Numa ilha, ele e a filha...

MÁRIO – Não.

SARA – ... e ele provoca uma tempestade...

MÁRIO – Não.

SARA – ... o que nunca vais poder fazer porque tinha que ser com aquelas pessoas, e elas...?

MÁRIO (*com um sorriso triste*) – Sim.

MÁRIO *retira do bolso um papel com o seu nome e cola-o na testa.*

CARLOS – Eu, da “Tempestade”, só li o início, o naufrágio do barco.

ANA – Eu lembro-me bem é do fim. Acaba com ele a/

MÁRIO (*tocando o papel que colocou na testa*) – Sou uma pessoa?

CARLOS – Sim.

MÁRIO – Viva? Quer dizer, vivo no momento presente?

ANA – Sim.

SARA (*para ANA*) – Sou uma mulher?

ANA – Sim.

MÁRIO – Tenho medo do fim?

SARA – Depende... Não sei responder.

ANA (*para MÁRIO*) – Tu... Não. De fins, não.

SARA (*para ANA*) – Velha? Sou velha? Muito velha?

ANA – Não... pelo menos por fora...

CARLOS (*para ANA*) – E eu? Tenho medo de fins?

ANA – Tu tens medo de inícios, não é?

CARLOS (*sem perceber*) – Eu? Sim. Quer dizer, eu sim.

ANA (*como se fosse óbvio*) – Então...?

MÁRIO – Sou misterioso?

SARA – Misterioso?

MÁRIO – Sou uma pessoa com segredos?

CARLOS – Somos todos.

MÁRIO – Tens razão.

ANA – Há coisas que nunca contaste.

MÁRIO – Então acho que já sei. Sou uma noite?

CARLOS – Uma noite?

SARA – Eu acho que não és uma noite.

MÁRIO – Achas que não? Olha que há uma noite...

ANA (*percebendo*) – A noite mais importante?

MÁRIO – O quê?

ANA – A noite mais importante na tua vida como ator.

MÁRIO – Essa noite tenho a certeza que nunca contei.

*ANA, CARLOS e SARA entreolham-se, confusos.*

CARLOS (*para MÁRIO, tirando o papel da testa*) – Uma vez eu estava aflito num espetáculo...

MÁRIO (*para CARLOS, tirando o papel da testa*) – Uma vez eu estava aflito num espetáculo, sim...

CARLOS – Tinha uma cena complicada para fazer...

ANA (*para SARA, tirando o papel da testa*) – Eu também.

SARA (*para ANA, tirando papel da testa*) – Eu também.

CARLOS – E aquilo não me estava a sair bem, não sei porquê...

ANA – ... não saía!

CARLOS – / Fui tentando experimentar.../

ANA – / Experimentei de várias maneiras.../

SARA – ...mas soava sempre a falso.

MÁRIO – E uma noite experimentei dizer aquilo ...assim...

CARLOS E MÁRIO – ... muito exagerado...

*MÁRIO começa a replicar a sua movimentação no espetáculo “Vida de Esopo”, segurando as baquetas como se fossem as varas da marioneta.*

MÁRIO – ... a esbracejar por todo o lado... de tal forma que a certa altura até me esqueci da marioneta, ela ficou ali pendurada, sem vida, enquanto eu... *(tenta recordar o texto, enquanto se deixa levar pela memória do corpo e se esquece da marioneta)* “Sabes tu quem me atormenta? Aqui bem em segredo, ai como tenho medo”, não sei quê, “resoluto”, “és tu, ingrata com este enredo, ai ai ai ai ai, o que eu lamento”, e mais os monstros, “aquele monstro... que anda cego, nu e cru”... *(lembra-se do texto, ajoelha-se apaixonadamente; para SARA)* “E indo nós assim andando, ao depois o tempo daria de si alguma coisa; pois que diz? Sim?”

*ANA, CARLOS e SARA olham para ele, emocionados. MÁRIO levanta-se.*

SARA – E foi nessa noite?

MÁRIO – O quê?

ANA – A noite do agradecimento!

SARA – A noite mais importante...

MÁRIO – Não me parece que eu tenha contado isso.

*ANA, CARLOS e SARA voltam a olhar uns para os outros, confusos.*

CARLOS *(tentando encorajar MÁRIO a falar)* – Nessa noite, depois do espetáculo...

*MÁRIO olha para ele em silêncio.*

ANA *(tentando encorajar MÁRIO a falar)* – Nessa noite, depois do espetáculo...

MÁRIO *(para si próprio)* – É capaz de ter sido o momento mais importante da minha vida de ator.

SARA *(tentando encorajar MÁRIO a falar)* – Tu estavas no teu camarim e um colega diz-te...

MÁRIO *(para si próprio)* – Eu sei que foi uma das melhores atuações da minha vida...

ANA / COLEGA *(aproximando-se dele)* – Ó Mário!

MÁRIO *(para si próprio)* – ... o que me lixa é que não sei porquê!

ANA / COLEGA – Estão aqui dois espectadores que gostavam de falar contigo.

CARLOS – O casal entra.

*CARLOS e SARA dão o braço, fazendo de casal.*

CARLOS E MÁRIO – E a senhora está muito emocionada!

CARLOS (*largando SARA*) – O senhor fica mais atrás...

MÁRIO – O senhor fica mais atrás... (*para CARLOS, surpreendido*) Mas eu já te contei?

CARLOS – E a senhora agarra-te na mão.

MÁRIO – Exatamente, na mão.

CARLOS – / A senhora agarra-te na mão.../

MÁRIO – / A senhora agarra-me na mão.../

CARLOS E SARA – / Inclina-se para te segredar... /

MÁRIO – / Inclina-se para me segredar.../ (*para SARA, surpreendido*) Mas tu também?

CARLOS E SARA – E diz-te...?

*ANA junta-se a CARLOS e SARA. Os três olham insistentemente para MÁRIO, excitados. Ele hesita.*

MÁRIO (*afastando-se*) – Eu não posso mexer neste momento.

ANA (*para CARLOS e SARA*) – Ah, pois... Este momento não podemos fazer, não é?

MÁRIO (*para ANA*) – Tu entendes?

ANA – Entendo. Há coisas que não se podem ficcionar, não é?

SARA – Mas eu não quero... Eu só queria perceber como foi.

MÁRIO – Não interessa como foi...

SARA – Não? Mas não foi a noite mais importante?

MÁRIO – Mas... não é tanto o que ela disse. (*pausa*) É o que as palavras dela mudaram em mim.

*SARA sorri. Acaba o seu café e sai. ANA e CARLOS arrumam os últimos objetos no espaço.*

*MÁRIO movimenta as baquetas, como se recordasse como tocar bateria.*

ANA (*para MÁRIO*) – Há quanto tempo é que não tocas?

CARLOS – Há muito...

ANA – Há dez anos?

CARLOS – Há vinte anos.

ANA (*sorrindo*) – Há dois minutos!

CARLOS (*sorrindo*) – Vais começar agora!

CARLOS *sai*.

MÁRIO – Estou um bocadinho enferrujado... (*brincalhão*) Deve ter sido da água!

ANA – É como andar de bicicleta?

MÁRIO – É tudo uma questão de ritmo.

ANA *sai*.

MÁRIO (*para si próprio*) – Começas devagar e... deixas-te ir. “Llega quando llega”...

MÁRIO *fica sozinho. Deambula pelo palco. Dirige-se à bateria. Hesita, volta para trás.*

### **Little B ou o Esparguete Calderone**

*Entra Clara, uma menina. Olha para a bateria, interessada. MÁRIO repara nela.*

MÁRIO – Olá.

CLARA – Olá.

MÁRIO – Como é que te chamas?

CLARA – Clara.

MÁRIO – Eu sou o Mário. (*confirmando que ela está sozinha*) Com quem é que vieste, Clara?

CLARA – Vim com a minha mãe. Tu também trabalhas no teatro?

MÁRIO – Sim, também.

CLARA – E o que é que estás aqui a fazer?

MÁRIO – Vou fazer um espetáculo sobre a minha vida... foi uma ideia que tive com um amigo, num dia que ele me deu uma boleia...

CLARA – E estás assustado?

MÁRIO – Epá, estou. Os princípios costumam-me muito! (*movimenta as baquetas, como se tocasse*)

CLARA (*estendendo a mão para as baquetas*) – Queres que te ajude?

MÁRIO – Sabes tocar?

CLARA – Sei, até ando numa escola de música.

MÁRIO – Oh pá, isso é fantástico!

*MÁRIO dá-lhe as baquetas. CLARA dirige-se à bateria e começa a ajustá-la.*

MÁRIO – Tu que idade tens?

CLARA – Dez.

MÁRIO (*sonhador*) – Dez anos... Sabes o que eu queria ser quando tinha a tua idade?

CLARA – Não.

MÁRIO – Queria ser cozinheiro!

CLARA – Sabes fazer esparguete?

MÁRIO – Sei. Faço o melhor esparguete/

*CLARA começa a tocar bateria ruidosamente, surpreendendo MÁRIO. Ele aproxima-se da bateria e fica a vê-la tocar, feliz e cada vez mais entusiasmado. CLARA toca o solo de "Little B".*

**FIM / INÍCIO**